

## A inserção social pelo trabalho: o caso da empresa de floricultura da Dianova Portugal

Carlota Quintão<sup>1</sup>, Cristina Parente<sup>1,2</sup>, Rui Martins<sup>3</sup>, Susana Almeida<sup>3</sup>

<sup>1</sup>A3S - Associação para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do Terceiro Sector, R. das Flores 69, Porto, Portugal, carlotaquintao@gmail.com

<sup>2</sup>Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal, cparente@letras.up.pt

<sup>3</sup>Associação Dianova Portugal, Intervenção em Toxicodependências e Desenvolvimento Social, Quinta das Lapas, 2565-517 Monte Redondo, Torres Vedras, Portugal, rui.martins@dianova.pt; susana.almeida@dianova.pt

### Resumo

As empresas sociais de inserção pelo trabalho são empresas produtivas, em diversos sectores de atividade económica. O que as distingue de outras empresas, é a sua missão social de integrar pessoas desfavorecidas (por uma multiplicidade de problemáticas) no mercado de trabalho. Internamente, enquanto estrutura organizacional, esta diferença reflete-se, portanto, na existência de uma estrutura pedagógica (recursos humanos) dedicada ao desenho e acompanhamento de percursos individuais e coletivos de inclusão social. Aqui o trabalho é usado enquanto instrumento de apoio à inclusão social, designadamente o emprego protegido ou atividades terapêuticas e ocupacionais, sendo a sua dimensão económica estruturada que permite uma efetiva participação destas pessoas no mercado de trabalho regular (acesso ao rendimento, um contrato, direitos sociais).

As empresas sociais de inserção tiveram origem na década de 1980 em países como a França, Bélgica, Itália como resposta espontânea (*bottom-up*) de coletivos sujeitos à crise económica de então. Em Portugal, a emergência das empresas de inserção advém de uma iniciativa governamental de 1998, tendo sido paradoxalmente suspensa em 2012 e extinta em 2015, momento em que a sua relevância se evidencia com a atual crise financeira. Para lá do seu potencial transformador enquanto iniciativas de economia social e empreendedorismo social de base coletiva ou como política pública, é na sua vertente pedagógica e de potencial terapêutico que aqui as abordamos.

A Empresa de Inserção Viveiros de Floricultura Dianova (EIVF) nasceu no ano 2000 com o objetivo de combater a exclusão social de indivíduos com problemas de dependências, através da sua inserção ou reintegração profissional. Através de um trabalho concertado entre os técnicos de saúde que acompanharam o processo de tratamento de 10 pessoas da

Comunidade Terapêutica (CT) da Dianova iniciou-se este projeto através de iniciativas de aquisição e desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais adequadas ao exercício de uma cidadania ativa e de funções laborais em Viveiros de Floricultura.

Antes da implementação da empresa de inserção, foi feito um estudo de viabilidade do mesmo para aferir se a área da floricultura seria sustentável. O projeto foi avaliado por peritos do IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional, obtendo avaliação positiva e respetivo financiamento. Durante o primeiro ano, foram criados 10 postos de trabalho de pessoas cujas características pessoais e sociais condenariam ao insucesso qualquer tentativa de aproximação ao mercado laboral - baixos níveis de escolaridade, fracas/desadequadas qualificações profissionais, experiências profissionais precárias, ausência de suporte familiar e de redes de socialização, situação clínica (co-morbilidades associadas) e ausência de rendimentos (risco de pobreza).

Para além de a Dianova ter superado os resultados esperados do projeto em cerca de 50%, a EIVF foi também das poucas empresas de inserção que atingiu um período de vida de 15 anos. A EIVF cessou a sua atividade nos moldes em que foi criada, uma vez que em 2015 o Estado extinguiu todos os apoios referentes a esta medida de inserção.

No entanto, apostando na sustentabilidade socioeconómica deste projeto, a Dianova mantém 5 postos de trabalho nesta unidade, totalmente suportados por capitais próprios, gerando uma média anual de 250.000€ de receitas mediante a produção anual de 700.000 plantas e flores, sem recurso a financiamento estatal.

**Palavras-chave:** inclusão social, reinserção socioprofissional, empresas de inserção, floricultura, empregabilidade, sustentabilidade.